

Gente

Marco Oliveira, 40 anos

O segurança da esquina mais famosa da Cidade

Marco Antônio Oliveira trabalha como vigilante particular no cruzamento da Avenida Ipiranga com a São João. Normalmente, ele chega ao seu "posto de observação" (um poste de rua) por volta das 23h. Nas madrugadas, garante que enfrenta assaltantes e eviciados só na base da conversa. Segundo Oliveira, todo esse jogo de cintura foi aprendido durante suas aulas de... merengue e tango.

Oliveira nasceu em Pernambuco. Sua família é gigante. São 12 irmãos e três irmãs. "Todos nós trabalhávamos na roça, com a terra. Antes de me mudar para São Paulo, sempre morei em sítio." Aos 12 anos, Oliveira começou a freqüentar, escondido, um salão de baile chamado *Castelo do Rei*.

"Aquele lugar era demais. As mulheres eram lindas. Foi lá que fiz amizade com um mestre bailarino. Ele me ensinou a dançar merengue e tango", conta Oliveira. "Gostaria até de conhecer Buenos Aires. O lugar onde o tango é mais famoso", completa.

Até os 17 anos, Oliveira dedicou-se à arte de dançar. Depois, já maior de idade, decidiu servir ao exército — onde ficou 1 ano e 9 meses. Quando perdeu o interesse pela carreira militar, veio para São Paulo. "Eu cheguei aqui no tempo do Jânio Quadros, no tempo da Vassoura. Ele era meu político preferido", diz.

Oliveira desembarcou em São Paulo sozinho. Sem riada. No começo, trabalhou na construção civil. "Como não tinha onde morar, eu dormia nas próprias obras." Aos poucos, a vida do soldado e dançarino foi entrando nos eixos. Ele alugou um apartamento no bairro de São Miguel Paulista, na Zona Leste, e foi convidado por comerciantes do Centro para trabalhar como vigilante no cruzamento mais famoso de São Paulo.

Em um salão de baile pertinho da São João, Oliveira conheceu a mãe dos seus dois filhos, um de 12 e outro de 18 anos. "O casamento não foi pra frente. Mas os meninos estão estudando. Estão encaminhados na vida. Enquanto isso, eu fico aqui na correria. Sobrevivendo e pensando nos bailes da minha infância." ::



Marco: ginga de vigilante aprendida em aula de tango



Amanhã será o primeiro Dia Mundial de Histórias de Vida. Mas será que qualquer um tem mesmo uma boa história para contar? Fizemos o teste: no cruzamento da Avenida Ipiranga com a São João, paramos as primeiras quatro pessoas que vimos e ouvimos suas histórias. Cada uma daria um filme. **Por Gilberto Amendola**



Ana pensa em mudar de profissão e virar desenhista

Era uma vez em São Paulo

Eduardo Solari, 25 anos

O tatuador que não pertence a lugar nenhum

Aos 15 anos, o uruguaio Eduardo Solari decidiu botar o pé na estrada. Influenciado pelo movimento punk, ele resolveu ganhar a vida de um jeito alternativo. "Quería ser tatuador." A família, chocada com sua escolha, tentou dissuadi-lo. "Não teve outro jeito. Para realizar meu sonho, eu tinha que sair de casa."

O aprendiz de tatuador saiu do Uruguai e foi morar na Argentina. Depois de uma pequena temporada, mudou-se para Florianópolis. "Minha primeira tatuagem foi um cantor punk no braço. Tenho ela até hoje. No Sul do Brasil, conheci muita gente legal, gente que abriu minha cabeça."

Sem residência fixa, Solari não ficava muito tempo em uma cidade ou um país. Após sua passagem por Floripa, foi fazer um giro pela Europa. Por lá, conseguiu se aperfeiçoar na arte da tatuagem. Já como profissional renomado na área, ele tomou uma decisão radical. "Eu tatuei minha própria cara. Eu tive vontade e fiz."

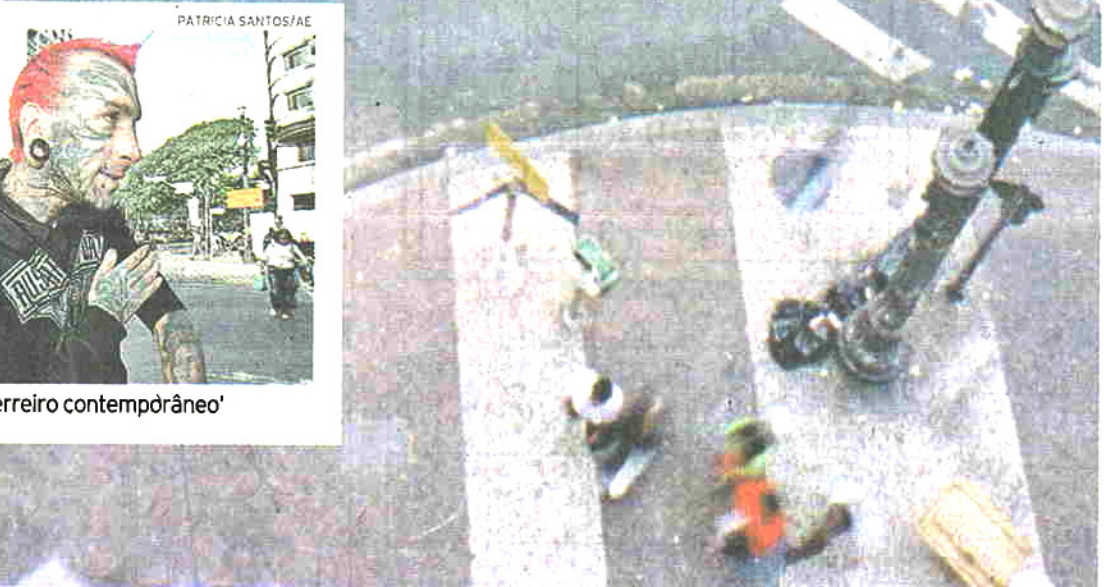
Solari explica por que decidiu tatuar o próprio rosto. "Eu sou um guerreiro contemporâneo. Minha pele é a minha armadura. Minha tatuagem é a minha armadura", fala Solari diz que é contra quem se tatua por moda ou vaidade. "Se alguém chega no estúdio em que estou trabalhando e pede uma tatuagem na cara, eu aviso dos problemas que a pessoa pode ter", avisa.

Em Barcelona, na Espanha, Solari conheceu sua mulher. "Nós estamos juntos desde 2006. Ainda não temos filhos, mas quem sabe um dia." Hoje, Solari trabalha em um estúdio de tatuagem na lendária Galeria do Rock, na 24 de Maio. "Pelo menos, até minha próxima viagem", brinca o uruguaio.

Atualmente, o relacionamento de Solari com sua família é muito bom. "Eles me admiram muito. Guardam as reportagens de jornal em que eu apareço. Minha mãe é a primeira a dizer que a vida que eu levo é incrível. Aos 25 anos, já conheci quase o mundo todo. Tenho muita história pra contar. Sendo assim, quando volto ao Uruguai, é sempre uma festa." ::



Solari se diz 'um guerreiro contemporâneo'



DIVIRTA-SE

Em comemoração ao Dia Internacional da História de Vida, o Museu da Pessoa organizou uma série de atividades. A primeira delas acontece dentro do metrô Santa Cecília, na região central da Cidade. Lá, voluntários do museu irão colher depoimentos de pessoas na estação, onde será instalada uma cabine. Quem quiser contar a sua história deve aparecer no metrô das 19h às 19h de amanhã.

Já amanhã, o Museu da Pessoa irá organizar, no próprio museu, uma roda de histórias em que idosos serão estimulados a contar fases de suas vidas e reavivar suas memórias. O evento acontece das 15h às 18h. O Museu da Pessoa fica na Rua Natingui, 1100. Mais informações pelo telefone 2144-7150 ou através do e-mail portal@museudapessoa.net. Outros detalhes estão no site: www.museudapessoa.net

Ana Carolina, 18 anos

Fortes emoções do outro lado do telefone

A vida de uma atendente de telemarketing não é fácil. Ana Carolina de Oliveira, 18 anos, já trabalhou no setor de cobrança de uma famosa empresa de cartão de crédito:

— Alô, eu gostaria de falar com a senhora Fátima (nome fictício).

— Sou eu mesma.

— Meu nome é Ana, trabalho aqui no departamento de cobrança. A senhora tem uma dívida de R\$ 100 mil...

Quando Ana Carolina informou o valor da dívida, a mulher do outro lado da linha começou a ter um treco. "Eu achei que ela iria morrer. A mulher começou a chorar e a passar mal", conta Ana também ficou desesperada. "Se ela morresse, ia ser culpa minha. Eu lembro que fiquei pedindo para ela tomar água e respirar fundo. No final, a dívida dela caiu para menos da metade."

Ana ainda não largou a vida de atendente de telemarketing, mas, agora que terminou o colégio, já faz planos. "Estou fazendo um curso de desenho. Quero fazer ilustrações e histórias em quadrinhos. Preciso procurar um curso universitário que tenha a ver com esse meu talento", afirma.

A futura desenhista mora no bairro do Ipiranga, na Zona Sul. Ela divide um apartamento com o seu pai (que é vendedor) e um irmão (a mãe mora em Santos). Ana não se considera rebelde, embora tenha cabelo vermelho, um alargador na orelha e tatuagem. "Minha tatuagem é de uma flor com espinhos. É assim que me vejo. Quando apareci com esse visual, meu pai ficou bravo, mas depois desistiu de reclamar."

Aninha também toca baixo, mas admite que sua carreira como rock star está um pouco parada. No ano passado, ela foi a um show de Nu Metal, de uma banda chamada Choldra. "No final da apresentação, eu corri para o camarim. Quería pegar um autógrafo e falar com o pessoal da banda. Sou fã mesmo. O baixista foi tão legal, tão simpático comigo, que a gente acabou virando namorado." ::

Cacilda Negri, 77 anos

Olhos cor de violeta que já viram de tudo

O despertador tocou naquela triste manhã. Começaria ali o dia que Cacilda Aparecida Negri, 77 anos, nunca mais iria esquecer...

Ao acordar, e antes mesmo de abrir os olhos, ela percebeu que o seu marido não estava mais ao seu lado. Ele tinha ido embora. "Isso foi na década de 50. Meu marido fugiu com uma morena e me deixou sozinha."

Cacilda é da cidade de Itapira, no Interior de São Paulo. Como era muito bonita, não demorou para que um rapaz da "cidade grande" pedisse sua mão em casamento. "Ele era bonito e fez tudo direitinho. Minha família aprovou na hora." O sortido era um químico chamado Alfredo Santos Toledo.

Os primeiros meses de casamento foram perfeitos. Mas, infelizmente, não demorou para que Alfredo revelasse uma fraqueza: a bebida. "Ele bebia e quebrava a casa toda. Era um inferno", conta.

Apesar do alcoolismo e das brigas, Cacilda teve um filho, o Degliê. Quando Alfredo foi embora, naquela fatídica manhã, o menino já tinha 9 anos. "Precisei esquecer meu sonho de ser atriz. Eu já tinha feito alguma coisa de teatro amador e algumas peças beneficentes, mas tive de largar tudo", fala.

O filho de Cacilda, Degliê, foi vítima de uma meningite e morreu jovem. Alfredo, o marido fujão, também faleceu. Desde então, Cacilda vive sozinha em um apartamento do Centro da Cidade. "Na verdade, arrumei um novo amor. Tenho uma gatinha chamada Mel. Ela é quem me faz companhia. Hoje, é tudo pra mim. Não vivo sem ela."

Apesar das sucessivas tragédias, a simpática Cacilda ainda consegue sorrir. Ontem, ela andava apoiada em uma bengala pela Avenida Ipiranga. No seu rosto, não é possível vislumbrar nenhum pingote de todo esse sofrimento.

O que mais chama atenção no semblante de Cacilda são seus olhos cor de violeta. "Não sei, não dá para saber se são azuis ou verdes. Minha fisioterapeuta diz que são iguaizinhos aos da Elizabeth Taylor." ::



A alegria de Cacilda não reflete os episódios que viveu